

## **Quando os conflitos nos pertencem**

Uma reflexão sobre as regras e  
a intervenção aos conflitos na escola  
que pretende formar para a autonomia  
Volume 3

---

– Coleção –

**Desconstruindo a violência na escola:  
os meus, os seus, os nossos bagunceiros**

*Ana Maria Falcão de Aragão*

*Luciene Regina Paulino Tognetta*

*Telma Pileggi Vinha*

(coordenadoras)

*Conselho Editorial*

professora doutora Elaine Prodócimo (Unicamp)

professora doutora Lucia Salete Celich Dani (Universidade Federal de Santa Maria)

professora doutora Aurea Maria Guimarães (Unicamp)

professor doutor Manoel Tostain (Universidade Caen, França)

professor doutor Fernando Andrade (Universidade Federal da Paraíba)

---

Luciene Regina Paulino Tognetta  
Maria Isabel da Silva Leme  
Vanessa Fagionato Vicentin

## **Quando os conflitos nos pertencem**

Uma reflexão sobre as regras e  
a intervenção aos conflitos na escola  
que pretende formar para a autonomia  
Volume 3

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Tognetta, Luciene Regina Paulino

Quando os conflitos nos pertencem : uma reflexão sobre as regras e a intervenção aos conflitos na escola que pretende formar para a autonomia : volume 3 / Luciene Regina Paulino Tognetta, Maria Isabel da Silva Leme, Vanessa Fagionato Vicentin. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. – (Coleção desconstruindo a violência na escola : os meus, os seus e os nossos bagunceiros)

ISBN 978-85-7591-278-2

1. Administração de conflitos 2. Conflito interpessoal 3. Educação - Finalidades e objetivos 4. Pedagogia 5. Psicologia educacional 6. Violência nas escolas I. Leme, Maria Isabel da Silva. II. Vicentin, Vanessa Fagionato. III. Título. IV. Série.

13-08009

CDD-370.151

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Conflitos nas escolas : Psicologia educacional 370.151

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide  
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras  
Imagem da capa: montagem xerox sobre papel vergê e pastel seco.

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**agosto/2013**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Para Gabriel, Renata, Mia, Maya, Théo,  
Mariana e André..*

*Nossos filhos e netos, para que encontrem  
escolas em que os conflitos existam, mas a  
convivência seja pacífica.*



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO . . . . . 9

*Ana Maria F. de Aragão, Luciene R. Paulino*

*Tognetta e Telma Pileggi Vinha*

Capítulo 1

PANORAMA SOBRE A VIOLÊNCIA

NA ESCOLA: A CONVIVÊNCIA EM JOGO . . . . . 17

*Maria Isabel da Silva Leme*

Capítulo 2

UMA REFLEXÃO SOBRE AS REGRAS

NA ESCOLA QUE PRETENDE FORMAR

PARA A AUTONOMIA E SUPERAR

SUAS MICROVIOLÊNCIAS . . . . . 47

*Luciene Regina Paulino Tognetta*

Capítulo 3

O QUE FAZER NO MOMENTO

DO CONFLITO? . . . . . 83

*Vanessa Fagionatto Vicentin*

SOBRE OS AUTORES . . . . . 119





## APRESENTAÇÃO

*La violence, sous quelque forme que'elle se manifeste, est un échec.\** (Jean-Paul Sartre)

Assistimos, certa vez em determinada escola, uma cena que nos chamou a atenção: era um final de ano escolar e a prática comum em muitas escolas era a de registrar, nas camisetas de uniformes, nomes dos colegas, mensagens de amizade e, entre adolescentes, como não seria diferente, brincadeiras que muitas vezes, podem ser de mau gosto. Os alunos estavam agitados, colhendo entre os colegas as assinaturas como lembranças em suas camisetas enquanto a professora fazia anotações quando um garoto se aproximou dela lhe chamando a atenção para o desenho que o colega havia feito na camiseta de outro. Imediatamente, a professora grita: “todos em seus lugares!” E se referindo ao autor do fatídico desenho, lhe diz em alto e bom tom, para não dizer, aos berros: “só podia ser você mesmo. Já para a direto-

---

\* A violência, sob qualquer forma manifestada, é um fracasso.

ria". Conduzindo-o pelo braço, ela o conduz à sala da diretora repetindo ao vento "só podia ser você". Qual seria tão desprezível ilustração feita por um menino de 13 anos? E quem era aquele que "só poderia ser" assim?

Para os que estão acostumados com a flatulência adolescente, a resposta não é inédita: o garoto havia desenhado um pênis nas costas do colega. Uma ameaça à integridade dos alunos? Uma blasfêmia? Um crime? Uma violência? Ao final das contas, o garoto fora suspenso e seus pais convocados a comparecem na escola. A camiseta, confiscada.

Por que começar a apresentação deste livro com tal exemplo tão cotidiano na escola? A resposta a essa pergunta tem no mínimo três razões para a compreensão de nosso leitor.

A primeira delas é nossa intenção em lembrar que numa coleção cuja discussão central é a "destrução da violência na escola" é preciso levar em conta que há fatos cotidianos na escola que mesmo não chegando a caracterizarem-se como violências merecem nosso olhar atento. São microviolências não silenciosas que acontecem todos os dias repetindo-se e nos causando indignação. Não se pode, como bem lembraria Debarbieux (2006), chamar o ato do "grafite" do pênis como um crime ou delinquência juvenil como muitas vezes a escola parece acreditar, visto o não ineditismo destas cenas. Na fala da professora é possível perceber que esta não era a primeira ação daquele garoto: "só poderia ser você". No mínimo, portanto, duas características desta forma de incivilidade (que mesmo longe de ser considerada crime ou

delinquência, é uma afronta ao pudor, um desrespeito ao outro) podem ser vistas: uma, traz um autor que, sentindo-se com poder, repete suas ações provocadoras e outra, traz uma vítima, mesmo que não supostamente sendo vitimizada pelo mesmo autor (o que caracterizaria outra forma específica de violência), mas colocada em situação de humilhação. Portanto, uma pequena violência que deve sim ser considerada pela escola em que são encontrados tantos conflitos.

Diante deste compêndio, podemos nos indagar: como meninos e meninas têm resolvido seus conflitos cotidianos nessa instituição? E como se manifestam essas formas de violência na escola da atualidade? São essas as discussões trazidas por Maria Isabel Leme ao organizar um “Panorama geral da violência na escola: a convivência em jogo”, primeiro capítulo deste livro agora apresentado.

Neste momento, nosso leitor deve estar atento ao presente inquérito: como deveria ter sido resolvido o caso do garoto do grafite? Essa resposta nos leva a nossa segunda discussão.

É sobre os mecanismos pelos quais a escola pode e deve agir contra essas pequenas violências que acontecem no cotidiano que desejamos falar. Vejamos a solução apresentada no exemplo em questão: o autor foi imediatamente encaminhado à direção, seus pais foram chamados e ele foi suspenso. Essas são, frequentemente, as ações tomadas por inúmeras escolas. Isto porque há uma crença na necessidade de uma intervenção “material”, visível, que dê credibilidade aos que educam com um papel punitivo. Há uma crença de que precisamos punir porque os “cri-

mes” podem se repetir e se tornar complexos. Então, se chama a família, costumeiramente, para se queixar do comportamento grotesco do adolescente e se suspende para que se possa “ver” que algo foi feito e que os comportamentos indesejáveis não se tornarão impunes aos olhos dos outros. Isso, para que todos aprendam, de uma vez, o que se pode e o que não se pode fazer na escola, como se de fato, a autonomia, ou o agir eticamente, como tanto desejado, fosse apenas um papel a ser imitado.

Certamente, é preciso sancionar o comportamento deste garoto. Mas a questão de como tratamos as violências ou as microviolências na escola esconde um perigo terrível que é o alimento da heteronomia ou da tendência moral já discutida por Kant em que apenas se age em função de não ser castigado e, portanto, em função de uma autoridade. Se a autoridade, portanto, não estiver presente, é possível que se aja mal...

Sancionar o comportamento deste garoto implica, no mínimo, resolver o conflito com quem é de direito, discutindo e fazendo-os discutir sobre como se sentem as pessoas que foram desrespeitadas e por que a ação é desrespeitosa ou não. Dessa maneira, formas mais assertivas de se resolver os conflitos entre pares, desde pequenos insultos como este e outros tantos que são comuns entre as pessoas, precisam ser aprendidas também na escola. É o que nos apresenta Vanessa Fagionato Vicentin no capítulo intitulado “O que fazer no momento do conflito?” quando discute as maneiras de se resolver conflitos comuns entre as pessoas e como se pode contribuir para que maneiras menos agressivas ou submissas

como se tem visto nas escolas, possam ser superadas e conduzidas por educadores que não transferem o problema para terceiros...

Contudo, é preciso ir mais longe. O fato é que a superação das microviolências na escola não pode ser vista como uma lista de ações a serem realizadas no momento em que acontecem os problemas cotidianos. Isso porque os conflitos entre as pessoas não são estáticos e atemporais. Interagem o tempo todo com os estados de espírito de quem está envolvido e com os papéis que assumimos nas relações interpessoais. Podemos, por exemplo, considerar como brincadeira o que em outro momento, consideraríamos um insulto. Ou ainda, experimentamos “tirar sarro” de alguém em um instante e em outro, ser o alvo de uma brincadeira de mau gosto. Em uma palavra: não é possível considerar apenas “vítimas” e “agressores” de lados opostos. Na escola, não estamos em um tribunal de acusação em que o agressor será sempre agressor e por isso condenável. Estamos numa instituição que educa e, portanto, a resolução do conflito é um processo contínuo que precisa ser visto como uma ação cotidiana em que todo dia se faz um pouquinho para que se formem sujeitos autônomos. Assim, mais do que punir exemplarmente, a escola precisa ensinar aos alunos formas de resolverem seus conflitos.

Nosso leitor poderá compreender melhor este debate ao saber de um pequeno detalhe na história contada que faz toda a diferença: como é insuficiente uma ação no momento em que se está em crise e o quanto é necessário pensar que todas as ações cotidianas devem ajudar a formar para a autonomia. O detalhe é o seguinte: o mesmo menino que hoje “cha-

ma a atenção” com o desenho do pênis na camiseta do amigo era um autor de *bullying* cujos alunos foram orientados por uma professora a “ignorá-lo”. Ignorado era, portanto, como ele se sentia. O que faz então? Já sabemos como a infelizmente história se desenrolou...

Faz toda a diferença, portanto, pensar que as intervenções que se pode e deve fazer na escola vão além do momento crucial do conflito. Se queremos, de fato, agir contra as violências, pequenas ou grandes, é preciso pensar que a maneira como conduzimos uma discussão, como encaminhamos a reparação de um problema, como organizamos as regras de convivência, farão toda a diferença para que existam sujeitos respeitosos. É dessa autorregulação necessária aos alunos, decisiva na participação dos alunos na escola que trata o capítulo “Uma reflexão sobre as regras na escola que pretende formar para a autonomia e superar suas microviolências” (Luciene Regina Paulino Tognetta).

Finalmente, a terceira razão para elaborarmos essa apresentação a partir do exemplo do garoto que ilustra a camiseta de outro com uma brincadeira de mau gosto se faz em uma palavra: os meus, os seus, os nossos bagunceiros são, novamente, aqui, tratados no segundo volume desta coleção com o mesmo entusiasmo do primeiro. O que cabe a nós, educadores, e como fazer para superar os problemas que temos deve ser procurado à luz da ciência e não dos “achismos” comuns em nosso país.

Os conflitos repetidos cotidianamente pelas falidas formas pelas quais lidamos com as microviolências promovem um ambiente tenso, caótico que gera

desânimo nos educadores. Por certo, a escola tomada no exemplo (bem como a maioria daquelas que pretendem educar moralmente) faz o que sabe e tenta da melhor maneira que encontra resolver seus problemas de relacionamento. Seus educadores estão o tempo todo resolvendo os mesmos conflitos que se repetem, repetem... Assim, para aqueles que desejam encontrar caminhos seguros, certamente nada fáceis, para tal superação é que desejamos boa leitura.

*Ana Maria Falcão de Aragão*  
*Luciene Regina Paulino Tognetta*  
*Telma Pileggi Vinha*

## **Referência**

DEBARBIEUX, É. (2006). *Violência na escola um desafio mundial?* Lisboa: Instituto Piaget.